

Consórcios têm recorde de participantes em novembro

O número total de novas cotas de consórcios vendidas em novembro no Brasil bateu recorde mensal em novembro, ao atingir 230,5 mil unidades, ante 243,6 mil em dezembro de 2012. As adesões provocaram aumento no total de participantes ativos que superou 6,11 milhões, o número mais elevado já registrado na história dos consórcios, desde que a assessoria econômica da entidade passou a acompanhar esse indicador, de acordo com dados da Associação Brasileira de Administradoras de Consórcios (Abac).

De acordo com o presidente exe-

cutivo da Abac, Paulo Roberto Rossi, o setor vem se recuperando da forte retração verificada por ocasião da Copa do Mundo. “Trata-se de um momento importante para o mecanismo, depois de termos vivenciado alguns meses deste ano aquém dos volumes alcançados nos últimos anos. Acreditamos que o brasileiro, cada vez mais, está consciente da importância de planejar e poupar para adquirir bens ou contratar serviços de forma econômica, simples e ajustada ao seu orçamento, seja pessoal ou familiar seja empresarial”, diz.

No acumulado do ano, o núme-

ro de novas adesões atingiu 2,11 milhões, 7,9% menos que as 2,29 milhões do mesmo período de 2013. A somatória das contemplações, de janeiro a novembro, chegou a 1,24 milhão, avanço de 8,8% ante igual período de 2013.

O volume de créditos comercializados no ano atingiu R\$ 70,24 bilhões, 5,9% menos que os R\$ 74,64 bilhões de igual período de 2013. Paralelamente, os créditos disponibilizados nas contemplações alcançaram R\$ 34,35 bilhões contra R\$ 30,93 bilhões.

Para 2015, Rossi avalia que, mantido o ritmo da economia, ou

seja, baixo crescimento com emprego oscilando próximo à estabilidade, os negócios com consórcios poderá repetir os mesmos níveis dos verificados este ano. “As alterações ministeriais, especialmente na área econômica, apontam para uma política de recuperação lenta e gradual. Temos que acreditar em uma convergência de esforços, sem nos esquecermos das dificuldades externas e da natural insegurança do brasileiro que, mesmo considerando-se um otimista, prefere cautela para decidir compromimentos financeiros de médio e longo prazos”, diz. **(AT)**